

Sem ambiguidade: O Amor como princípio ético e fundamento ontológico em Paul Tillich

André Yuri Gomes Abijaudi*

“(...) o amor não pode ser descrito como a união do estranho mas como a reunião do separado. (...) O amor manifesta seu grandioso poder ali onde ele supera a grandiosa separação. E a grandiosa separação é a separação do eu de si mesmo.” Paul Tillich

RESUMO

O objetivo deste presente artigo é analisar como Paul Tillich compreende e relaciona os conceitos de amor e ontologia em suas diversas obras. É possível perceber no decorrer do texto que Tillich apresenta o amor enquanto princípio ético e fundamento ontológico e, por isso, traz consigo muitas ambiguidades. Desta forma, Tillich apresenta o conceito de amor em diversas qualidades, tomando como referência as compreensões gregas de *eros*, *philia*, *epithymia* (ou *libido*, *desejo*) e *ágape*. Por fim, o texto expõe como Tillich compreende que a qualidade *ágape* encerra as ambiguidades do amor e se apresenta como graça ao ser humano, abrindo possibilidades de superação das leis e da problemática da contextualização da ética nas transições históricas do mundo.

Palavras-chave: amor; ambiguidade; ontologia; lei; heteronomia; ética.

UNAMBIGUOUSLY: LOVE AS AN ETHICAL PRINCIPLE AND ONTOLOGICAL FOUNDATION IN PAUL TILlich ABSTRACT

The objective of this article is to analyze how Paul Tillich comprises and relates the concepts of love and ontology in his several works. It's

* Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro da Sociedade Paul Tillich do Brasil e do Grupo de Pesquisa Teologia no Plural. E-mail: andreyuri7@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7982109585370912>

possible to observe throughout the text that Tillich presents love as an ethical principle and ontological foundation and therefore brings with it many ambiguities. Therefore, Tillich introduces the concept of love in different qualities, by reference to the greek's understanding of *eros*, *philia*, *epithymia* (*libido*, *desire*) and *agape*. Finally, the text explains how Tillich understands that the quality *agape* closes the ambiguities of love and presents itself as grace to the human being, opening possibilities of overcoming the laws and the issue of contextualization of ethics in historical transitions in the world.

Keywords: love; ambiguity; ontology; law; heteronomy; ethics.

Introdução

Falar da compreensão de amor em Paul Tillich parece uma tarefa simples, já que o autor explana este conceito em suas diversas obras incluindo a *Teologia Sistemática* – considerada por muitos como sua obra principal. Contudo, Tillich apresenta, explana e aponta diversas vezes para algumas noções de amor que carecem de reflexões mais aprofundadas. No antigo pensamento grego se faziam as separações entre os tipos de amor: *eros*, *philia*, *ágape*, *epithymia* (ou *libido*) e *storge*. Em uma breve e sintetizada explicação, *eros* caracteriza o movimento do que é inferior em poder e sentido na direção daquele que é superior, com a intenção de reunir o separado, e isso pressupõe a ideia de que existia uma união original. *Philia* seria o amor entre amigos, que pode nos levar à compreensão do sentimento da amizade. *Ágape* é o amor incondicional, do qual Tillich se apropria para mostrar que em sua compreensão, esta qualidade superaria às outras demais, mas este assunto será tratado mais adiante. A *epithymia*, também chamada de *libido* na linguagem latina, estaria mais intimamente relacionada com o amor *Eros*, já que ela representa o movimento daquele que sente o desejo em direção ao ser ou objeto desejado. A *libido* foi considerada pela tradição cristã como a mais baixa qualidade do amor e foi identificada como um simples desejo de satisfação sensual. Contudo, para Tillich, a *libido* não deve ser entendida como simples desejo por prazer, mas ela representa especificamente o desejo de unir-se pelos sentidos à realidade material, no prazer de comer e beber, na atração sexual e até mesmo na emoção estética. *Storge* é o amor familiar, sem esforço,

de pai e mãe para os filhos. Entretanto, em suas explicações Tillich não considera este último, se limitando a falar apenas de *eros*, *philia*, *ágape* e *libido* e, portanto, seguindo a lógica da compreensão de Tillich, o presente artigo se limitará também a falar destas três compreensões para explicar a noção de amor no pensamento do autor.

Também não é possível falar de amor em Tillich sem se referir à ontologia, já que ele compreende que as questões que envolvem discussões sobre os conceitos de amor, sempre irão apontar para análises ontológicas (TILLICH, 2004, p. 29). Tratar o amor como mera manifestação sentimental no pensamento de Tillich seria um erro. O amor não pode ser compreendido simplesmente como emoção porque isso impossibilitaria que o ser humano pudesse exercer seu poder de escolha entre as leis de justiça, as estruturas de poder, as questões éticas e morais. Desta forma o amor acabaria perdendo seu caráter de transcendência. O ser não pode ser genuíno sem o amor que conduz tudo que existe para tudo mais que existe na transcendência. Para Tillich, amor é unir o que está separado e, por isso, é necessário mais uma vez enfatizar porque a qualidade *eros* se torna tão importante para compreender a relação entre amor e ontologia em seu pensamento. Mas do que o ser humano estaria separado? De Deus? Seria esta a compreensão de Tillich? Por isso, é preciso analisar e considerar as compreensões e as implicações que Tillich levanta para a relação entre Ser e Amar ou, mais especificamente, entre amor e ontologia e como esta relação apontaria para uma vida sem ambiguidade, como propõe o título do texto.

Neste sentido, é importante levar em conta questões como o que possibilita afirmar que alguma coisa é, em sentido de existência, ou quais são as características de algo que faz parte de um ser. Estas são questões ontológicas fundamentais para se compreender esta relação entre amor e ontologia feita por Tillich. É claro que é preciso levar em consideração que Tillich entende que é necessário que se pense em uma ontologia do amor e isso será visto posteriormente neste texto. Contudo, é necessário que se estabeleça uma conexão profunda com essa discussão presente no pensamento do autor, entendendo as implicações presentes nesta afirmação.

Seguindo esta linha de pensamento, o artigo buscará explanar também o conceito ontológico de *vida* na compreensão de Tillich e

considerará, ainda que brevemente, as discussões com as ambiguidades dela tão relatadas pelo autor. É importante ressaltar as dimensões da vida e suas relações com o tempo, o espaço e as causalidades com o outro. Além disso, é necessário também considerar o sentido de espírito como uma dimensão da vida e como Tillich compreende a noção de espírito (e Espírito divino), bem como suas relações e efeitos no ser humano. Nesta lógica, é importante ressaltar também que Tillich afirma que a presença do Espírito divino na vida humana e suas relações com o espírito humano, acabam por deixar ainda mais explícito as ambiguidades da vida.

Por fim, o texto discutirá as compreensões de ambiguidade da lei moral e porque Tillich aponta para o amor como transcendência da lei. Será mencionado, ainda que de forma sucinta, três conceitos de extrema importância para o autor: heteronomia, autonomia e teonomia, bem como o paradoxo entre a lei moral e a lei do amor. Tillich compreende que o amor como mandamento é impossível ao ser humano porque este está na alienação existencial e desta forma é incapaz de amar. De onde então viria o poder motivador que impulsiona e dá condições ao ser humano de amar? Neste momento entra o que Tillich chama de Presença Espiritual que leva o ser humano à união do que ama com o que é amado naquilo que transcende a ambos: o fundamento do ser (TILLICH, 1985, p. 75). O amor em sua essência teria capacidade de unir o ser com o outro ser, ou o ser com o ser-em-si, que é como muitas vezes Tillich se refere à figura de Deus especialmente quando propõe questões ontológicas e filosóficas¹. Nos trechos finais se explicará como Tillich compreende que o amor pode se tornar sem ambiguidades a partir de seus princípios éticos, fundamentos ontológicos e daquilo que ele chama da graça, obra da Presença Espiritual que produz a qualidade ágape do amor que por outro lado o apresenta sem ambiguidades.

¹ É importante ressaltar que Tillich afirma que Deus não pode ser tratado ou mesmo chamado de um ser, pois isto faria dele um mero objeto ou ainda um ser dependente da existência e que teria um princípio e um fim como o ser humano. Por isso, nas questões ontológicas levantadas por Tillich em seus escritos, muitas vezes utiliza do conceito filosófico para se referir a Deus como o ser-em-si, que é aquele que possibilita que as coisas sejam, em outras palavras, aquele que dá o poder de ser. (Cf. TILLICH, 2014, p. 197-201)

O conceito de Amor no pensamento de Paul Tillich

Para Tillich, o amor é o poder dinâmico (TILLICH, 2014, p. 364), iniciador e constitutivo da vida (HIGUET, 2006, p. 137). A busca pelo conceito de amor no pensamento de Paul Tillich não pode deixar de fazer uma análise ontológica de sua raiz significativa, e de observar o encontro cognitivo do homem com seu mundo. Segundo o próprio Tillich “Ontologia é a forma em que a raiz significativa [do conceito de amor] pode ser encontrada” (TILLICH, 2004, p. 18), ou seja, é necessário que se faça a pergunta de modo ontológico sobre o conceito significativo de amor.

Tillich afirma que apesar de todos os maltratos que estão sujeitos a palavra *amor*, tanto na literatura quanto na vida diária, ela não perdeu o seu poder emocional, pelo contrário. Quando usada, a palavra amor esconde um sentimento de entusiasmo, de paixão, de felicidade, de satisfação. Ela leva a mente ao passado, ao presente ou a situações de amar ou ser amado. Sua raiz significativa parece ser um estado emocional, e assim como as emoções também não podem ser definidas, mas devem ser descritas em suas qualidades e expressões, esta não é uma questão de intenção ou existência, mas de acontecimento ou doação. Contudo, Tillich reafirma que o amor deve ser levado do campo emocional para o campo ontológico.

Tillich ressalta, ainda, outro princípio de interpretação do amor: o caráter ético. Por isso, ele faz menção ao “grande mandamento” do Cristianismo ligado à afirmação imperativa que exige de todos, amor total a Deus e ao próximo. Entretanto, é preciso ressaltar que se o amor fosse de fato uma simples emoção, não poderia ser exigido, já que emoções não podem ser exigidas. Se tentarmos exigir emoções, o resultado será algo artificial que mostrará as características do que foi suprimido na criação. Um amor intencionalmente produzido por uma exigência resultaria na produção de indiferença ou hostilidade na perversão. Aliás, exigência pressupõe a existência de um mandamento que possa endossar sua prática.

Por isso, vale a pena ressaltar também, que onde há mandamentos surge a tentação do legalismo, uma tentação que se mostra quase irresistível. Para Tillich, o próprio conceito de lei por si só já apresenta ambiguidades a partir do seu estabelecimento e da sua execução. Esta

questão se apresenta problemática quando se analisa, por exemplo, a ambiguidade presente em uma liderança (um indivíduo que representa um grupo) que exerce um poder legal em nome de um grupo dominante que determina as leis para o grupo dominado (ou oprimido). Este poder da lei não apresenta justiça e está corrompido. Por outro lado, a execução da lei depende do poder daqueles que promulgam julgamentos que expressam não apenas o sentido da lei, mas também o espírito do juiz. Neste sentido, a lei moral apresenta ambiguidades em suas expressões heterônomas e autônomas que serão tratadas posteriormente.

Desta forma, além da dificuldade de se definir o amor como emoção, surge também a problemática de defini-lo como mandamento, pois para definir o amor como um mandamento é preciso estar em um estado de alienação. Aquele que precisa de uma lei que lhe diga como agir e não agir já está alienado da fonte da lei que lhe exige obediência (TILLICH, 2014, p. 342). Por isso mesmo, o amor como emoção não pode ser ordenado, já que o poder daquela reunião precede e cumpre a ordem antes mesmo que essa seja formulada como tal – em outras palavras, o amor faz aquilo que a lei exige antes que ela o exija (TILLICH, 2014, p. 829). O amor precisa ir além de uma obrigação moral ordinária, do contrário se torna em legalismo. A argumentação de Tillich aponta então que deve existir algo na base do amor como emoção que justifique ambas interpretações: a ética e a ontológica. A natureza ética do amor pode ser dependente de sua natureza ontológica, e a natureza ontológica do amor alcança suas qualificações por seu caráter ético.

Como mencionado, é categórico que Tillich nega a existência de “tipos” de amor, como costumava distinguir a mitologia grega e como foi retomado pelo simbolismo renascentista – amor *ágape*, *eros*, *philia* e *libido*. Para Tillich, esta divisão se torna uma questão confusa ao estabelecer uma ruptura principalmente entre *eros* e *ágape*². Estas ramificações acabaram por destruir as ideologias do moralismo cristão e humanista (TILLICH, 2014, p. 683). Por isso, ele ressalta não o tipo, mas as qualificações de amor visto que as qualidades, eficientes ou

² Neste sentido, *eros* abrange ainda os conceitos da *libido* e da *philia*, uma vez que *eros* representa o polo transpessoal e *philia* representa o polo pessoal. Nenhum deles seria possível sem o outro. Há qualidade *philia* em *eros* e há qualidade *eros* em *philia*. Elas são opostamente interdependentes. Por outro lado, *libido* seria uma manifestação prática do *eros*, que direciona o ser em direção ao outro ser ou ao objeto de desejo. Desta forma, *eros* e *libido* também se tornam indissociáveis.

deficientes, estão presentes em cada ato de amor. O Novo Testamento, por exemplo, usa o termo *ágape* para falar da qualidade do amor divino. Mas este serve também para qualificar o amor do ser humano pelo ser humano e também do ser humano por Deus. Para esclarecer, Tillich define que o amor como *libido* é o movimento do que está em necessidade em direção àquilo que satisfaz sua necessidade. O amor como *philia* é o movimento do igual em direção à união com o igual.

O amor como *eros* é o movimento daquele que é inferior em poder e sentido para aquele que é superior (TILLICH, 2014, p. 284). O amor em sua qualidade *eros* coloca o ser apaixonado e desejoso na busca e na direção do objeto ou do ser desejado. Neste sentido, o *eros* é também o responsável por direcionar o ser em direção ao ser-em-si. O *eros* possibilita ao ser humano admitir uma dinâmica vital que é um elemento necessário em todas as suas paixões e auto-expressões. Na compreensão de Tillich, admitir esta qualidade do amor é um sinal e triunfo da Presença Espiritual que integra estas profundidades da natureza humana em suas realidades de vida ao invés de reprimi-las ou substituí-las pelos chamados “prazeres inofensivos”. O *eros* corrompido e rejeitado pela teologia cristã tradicional é o *eros* que se apresenta de forma corrompida e dá legitimidade a estruturas de poder a um determinado grupo, elementos de compulsão e que por consequência acaba gerando destruição nas diversas instâncias da vida humana. Contudo o *eros* quando não é corrompido por interesses competitivos ou mercenários, tem um caráter teônimo e se apresenta eficiente e necessário para despertar a criatividade latente e presente no âmago do ser humano. É responsável por dar ao ser a paixão infinita por Deus que é uma consequência da situação objetiva do estado de separação daqueles que estão juntos e são conduzidos um ao outro em amor, consequentemente levados à (re) união (TILLICH, 2004, p. 36).

É óbvio, que como Tillich ressalta, nessas três outras qualidades do amor o elemento do desejo está presente. O amor *ágape*, porém, se difere das demais qualidades do amor por ser independente dos estados de atração, paixão e simpatia. Ele afirma o outro incondicionalmente, isto é, independente de suas qualidades melhores ou piores, agradáveis ou desagradáveis. O *ágape* aceita o outro apesar de sua resistência; é a qualidade transcendente do amor, criação do Espírito divino e dimensão

da vida eterna. Ele sofre e perdoa, busca a realização do outro. Mas como dito, Tillich adota a ideia de *qualificações* do amor em detrimento de *tipos* de amor. Nenhuma destas qualidades de amor são más em sua essência. Elas somente se tornariam más e corrompidas se não estiverem sujeitas ao critério do amor ágape. Onde falta este critério, o amor próprio se torna um falso amor próprio, isto é, um egoísmo que está sempre vinculado ao autodesprezo e ódio de si mesmo. Está presente no ser humano esta necessidade de autorrealização existencial que o leva a se voltar apenas para si mesmo e para seu mundo, perdendo sua unidade essencial com o fundamento de seu ser e de seu mundo. Neste sentido não existe amor a si mesmo, existe apenas egoísmo. Este egoísmo somente pode ser superado quando todas as qualidades do amor estão sujeitas à qualidade ágape que é independente e liberta o ser humano de seu estado de alienação (TILLICH, 2014, p. 342).

Por isso ele ressalta que embora as diversas qualificações sejam bem definidas e o ágape seja o símbolo mais fundamental e adequado para se compreender o amor divino, ele está necessariamente unido às outras qualidades. Nenhum amor é realmente amor sem a unidade de ágape e *eros* (e como ressaltado anteriormente, as qualidades *philia* e *libido* presentes em *eros*). Ágape sem *eros* é uma sujeição a uma lei moral que está destituída de calor, de aspiração e de reconciliação. Por outro lado, *eros* sem ágape se torna em desejo desenfreado, que não respeita o direito do outro de ser reconhecido como alguém que ama e vale a pena ser amado (TILLICH, 1985, p. 74). Assim também, o ágape não existe isolado das três outras qualidades do amor. Por isso, quando a linguagem mística fala da necessidade que Deus tem do ser humano, por exemplo, introduz-se o elemento da *libido* na noção do amor divino, ainda que na forma do simbolismo poético-religioso. Quando se faz a sugestão de que os discípulos são na verdade “amigos de Deus”, há a apresentação da noção de *philia*, ainda que de maneira simbólico-metafórica. Se Deus é descrito com um impulso para alcançar o ser humano há a utilização da linguagem erótica, característica do *Eros*. Sobre isso, vale dizer que Tillich não vê uma ordem hierárquica entre as qualidades do amor, a não ser em relação à ágape (HIGUET, 2006, p. 138). Contudo, partindo desse pressuposto, outra questão se faz pertinente: como o amor-próprio, presente no grande mandamento, se relaciona com seu caráter ontológico e ético?

Desta forma, na perspectiva de Tillich, todas as questões levantadas a respeito da definição e do conceito de amor, levam-nos a uma análise ontológica (TILLICH, 2004, p. 29). A ontologia não tem por objetivo descrever a natureza dos seres e nem tampouco suas qualidades universais e genéricas ou mesmo suas manifestações históricas e individuais. A questão da ontologia é a questão do ser em si. A simples e infinitamente complexa pergunta: O que significa ser? A questão ontológica do amor busca então a resposta sobre o enraizamento do amor no ser propriamente dito. Todos os problemas concernentes à relação de amor, tanto individualmente quanto socialmente, tornam-se sem solução se o amor for compreendido basicamente como emoção. Interpretar o amor como um simples sentimento, seria reduzi-lo a um acréscimo sentimental e irrelevante na dimensão do ser e permaneceria incompreensível a questão do caráter ontológico do amor.

Por isso, é importante ressaltar que Tillich afirma que:

A vida é o ser de fato e o amor é o poder propulsor da vida. Nessas duas sentenças a natureza ontológica de amor está expressa. Elas dizem que o ser não é genuíno sem o amor que conduz tudo que existe para tudo mais que existe. Na experiência de amor do homem, a natureza da vida torna-se manifesta. Amor é unir o que está separado. A reunião pressupõe separação daquilo que estava essencialmente junto. Deveria, portanto, ser errado dar à separação a mesma máxima ontológica que à reunião. (...) O amor não pode ser descrito como a união do estranho, mas como a reunião do separado. Separação pressupõe unidade original. O amor manifesta seu grandioso poder ali onde ele supera a grandiosa separação. E a grandiosa separação é a separação do eu de si mesmo. (TILLICH, 2004, p. 35)

Tillich parte do pressuposto de que o ser humano está separado. Para ele, a separação de um ser completamente individualizado de outro ser completamente individualizado é em si mesma completa. O centro de um ser não pode ser simplesmente invadido por qualquer outro ser individualizado. O ser em Tillich tornou-se separado do ser-em-si, mas mais especificamente separado de si mesmo e da sua capacidade de viver o amor em sua plenitude. Por isso, no pensamento de Tillich, o amor tem a função de juntar o ser fragmentado, aquele que é egoísta e individual.

Contudo, é preciso ressaltar que Tillich afirma que não é possível a presença do amor onde não existe individualização, e o amor só pode realizar-se plenamente onde existe uma individualização plena, ou seja, no ser humano. O ser humano não é apenas um eu completamente centrado em si mesmo, ele é também completamente individualizado. A individualização é um elemento ontológico para Tillich e, portanto, é uma qualidade que possibilita ao ser humano ser diferente. Individualização em Tillich não pode ser confundido como sentimento egoísta. Por isso, vale a pena ressaltar, que o indivíduo também anseia retornar à unidade à qual pertencia e participava através de sua natureza ontológica. Este anseio é o que define o elemento de todo amor e torna possível a experimentação de sua realização, por mais fragmentária que seja como algo divino (TILLICH, 2014, p. 284). O amor não destrói a liberdade do amado e não viola as estruturas de sua existência individual e social. Tampouco elimina a liberdade daquele que ama nem viola as estruturas de sua existência individual e social. O amor como reunião daqueles que estão separados não distorce nem destrói em sua união. O amor que tem como fonte o ser-em-si, isto é, Deus, inclui a justiça que reconhece e preserva a liberdade e o caráter único do amado e daquele que ama. Não o força e nem o abandona; atrai-o e o seduz para a reunião a partir da qualidade *eros* (TILLICH, 2014, p. 287).

É verdade que Tillich rejeita a restrição do amor ao seu elemento emocional, pois isso levaria necessariamente à interpretações sentimentais do sentido do amor e tornaria problemática sua aplicação simbólica à vida divina, já que Deus, o ser-em-si é, essencialmente, amor. Por isso, o amor divino se opõe a tudo aquilo que contradiz o amor (TILLICH, 2014, p. 370). Contudo ele faz a ressalva de que não existe amor sem o elemento emocional, pois excluir este princípio seria reduzir esta busca a uma análise pobre. A grande questão é a busca de como é possível relacioná-la à definição ontológica de amor (TILLICH, 2004, p. 36).

De acordo com Tillich, na “vida” concreta o que se observa é uma mistura de elementos essenciais e existenciais, o que talvez remeteria à concepção da teologia cristã tradicional da queda, contudo afirmando que nem tudo estaria perdido, pois a criação não foi inteiramente destruída. Mas por este motivo, a vida para Tillich é cheia de ambiguidades. A ambiguidade é fundamentalmente um conceito ontológico necessário

para se compreender o pensamento de Tillich a respeito da vida humana. A ambiguidade explica como na vida humana estão presentes as possibilidades do positivo e do negativo, do criativo e do destrutivo, já que ela está em uma relação dialética constante (MARASCHIN, 1995, p. 90-92). Desta forma, é possível perceber que Tillich enxerga a vida como o cumprimento e triunfo do amor que está apto a reunir os seres mais radicalmente separados, isto é, as pessoas individuais. O amor junta aquele que é egoísta e individual. Falar sobre amor egoísta seria tratar sobre uma ambiguidade. Contudo, o amor de si e do mundo é um amor distorcido pois não penetra através do finito até seu fundamento infinito e se este amor se volta do fundamento infinito para suas manifestações finitas, então é descrença (TILLICH, 2014, p. 342). Contudo, apesar de sua finitude, o ser humano está em constante busca pela autotranscendência da vida, pela vida sem ambiguidade ou, em outras palavras, pela vida eterna. Ele é o espelho em que se torna consciente a relação de tudo o que é finito com o infinito. Esta busca pela autotranscendência da vida e, conseqüentemente, por uma vida sem ambiguidades, se opõe à profanização da vida que pode aparecer na consciência como uma experiência destrutiva à vida humana, muito embora a palavra “profano” seja também muito mal compreendida e interpretada. Contudo, Tillich ressalta que as ambiguidades da vida não são ruins em sua essência e possibilitam que as qualidades do sagrado e do profano, estejam sempre presentes nas estruturas das realidades humanas (TILLICH, 2014, p. 547).

Assim, é possível observar que Tillich compreende o amor como um conceito ontológico e entende seu elemento emocional como uma consequência dessa natureza ontológica. Nisso, pode-se dizer que o amor também não exclui o desejo, pois o amor quer o outro ser e o quer na forma de *libido*, *eros*, *philia* ou *ágape*. Contudo, a partir dessa afirmação não se deve confundir o conceito popular e compreender erroneamente desejo como desejo por prazer. Esta definição hedonística equivocada resulta em uma ontologia errada. O desejo resulta em que o homem esforça-se para reunir-se com aquilo que a ele pertence e de que está separado (TILLICH, 2004, p. 38). Neste sentido, é preciso compreender melhor a conexão feita por Tillich entre os conceitos de Amor e Ontologia e as implicações presentes nestas questões discutidas até o presente momento.

Amor e Ontologia

Uma ontologia do amor leva à declaração básica de que o amor é único. Tillich afirma que isso contradiz as correntes principais das discussões mais recentes a respeito da natureza do amor, já que, segundo ele, elas se enganaram na medida em que consideraram as diferenças de qualidades como diferenças de gêneros. Esse erro não permitiu que se compreendesse o amor como único e que fosse revelado seu caráter fundamental de reunir o separado. Essa é essencialmente uma questão ontológica presente no conceito de amor. Portanto, partindo deste princípio, é preciso afirmar que não se pode discutir os fundamentos ontológicos de amor sem pressupor suas funções éticas, assim como não se pode referir-se às suas funções éticas sem considerar constantemente seus fundamentos ontológicos (TILlich, 2004, p. 75). Por exemplo, a ambiguidade da lei moral com respeito ao seu conteúdo ético, aparece inclusive nas afirmações abstratas da lei moral, e não somente em sua aplicação concreta.

Para tanto, o imperativo moral enquanto a fonte dos mandamentos morais e a motivação da ação moral são de natureza religiosa, pois o seu fim é sempre a reunião com o fundamento divino do ser. A vida moral é, para Tillich, uma relação do *eros* entre os seres humanos vivos, em um contexto existencial concreto, e não um conjunto de leis e princípios totalmente abstratos e desconexos da realidade. Por isso o amor torna-se um critério decisivo de avaliação do comportamento moral e de toda realização autêntica da justiça. O compromisso pessoal, e não a observância formalista da lei é que demonstra o elemento fundamental da ação moral autêntica e se firma no amor como “princípio moral último” (HIGUET, 2006, p. 140). O amor liberta do absolutismo, das leis, tradições, convenções e autoridades, mesmo se forem sagradas. Por isso, é necessário voltar ao princípio do amor como força divina que possui o ser humano individual e lhe dá coerência e intenção às suas ações morais. O grande fundamento firme para a vida moral é o desejo de participar da vida em comunidade, do encontro do ser com o outro ser, ou do ser com o ser-em-si. É necessário também se considerar que para Tillich, a vida não pode ser tratada sem que se considere a dimensão do orgânico, que seria um tema central para toda a filosofia da vida. Em contraponto a este argumento, os processos inorgânicos, ou que Tillich

chamaria de materialismo acabam por produzir uma consciência de que o inorgânico é a única matéria possível. Isto implica no fato de que o materialismo não considera a importância da vida humana em todas as suas dimensões, mas apenas nas dimensões inorgânicas ou da matéria – apesar de que como afirmou Tillich, toda ontologia deve afirmar que há matéria em tudo o que existe. Neste sentido, o materialismo pode ser definido como uma *ontologia da morte* (TILLICH, 2014, p. 483). Contudo, é preciso considerar na compreensão de Tillich a vida humana não somente enquanto matéria, mas em sua totalidade do espírito, dos sentimentos, dos relacionamentos e das possibilidades de ser também como dimensões da vida.

O amor na qualidade do ágape oferece, para Tillich, um princípio de ética que mantém o elemento eterno e imutável na mesma medida em que torna a sua realização dependente de atos contínuos de intuição criativa. Isto é, o amor está acima da lei, seja ela natural ou sobrenatural (TILLICH, 1992, p. 175). A ética que procede do encontro com o divino não é a ética do absolutismo, pois esta não seria ética, mas resultaria em alienação. É, portanto, a ética do amor, pois o amor é quem encerra o vicioso ciclo do legalismo e da compreensão moralista do mandamento divino. Por isso, Tillich critica a fundamentação e interpretação moralista que foi apropriada pelo protestantismo a respeito do conceito de amor. Tillich ressalta que:

Amor não é mera emoção, mas poder ontológico, a própria essência da vida, a reunião dinâmica dos separados. Quando o amor for entendido dessa maneira, haverá de ser o princípio básico de qualquer ética social protestante, capaz de unir o elemento eterno com o dinâmico, o poder com a justiça, e a criatividade com a forma. (TILLICH, 1992, p. 26)

Por isso mesmo, a ética não pode se tornar independente da ontologia, pois não se pode compreender os mandamentos morais como simples expressão de uma vontade divina que é soberana e sem critérios. Porque desta forma leva-se à indagação sobre os motivos que o indivíduo teria para obedecer aos mandamentos desse legislador divino que não se distinguiria nem por um momento de um tirano humano. Os mandamentos devem ser interpretados sobre o princípio ético – e por essa razão ele se torna ontológico – de que a lei dada por Deus está na

natureza essencial do homem e coloca-se contra ele como lei. O ser humano é quem está separado de si mesmo e, portanto, sua natureza essencial está distorcida. A lei apresenta ao ser humano sua verdadeira natureza da qual ele está separado, mas precisa se reunir por meio do amor consigo mesmo (TILLICH, 2004, p. 79). Neste sentido, vale também ressaltar alguns conceitos tillichiano como a heteronomia, a autonomia e a teonomia.

A heteronomia para Tillich diz respeito a uma lei que vem totalmente de fora do indivíduo e lhe é imposta e exigida o seu cumprimento sem que se tenha direito de questionar, refletir ou mesmo dialogar a respeito dela. A heteronomia impõe uma lei estranha a uma ou todas as funções da razão do indivíduo. E como mencionado anteriormente, nenhuma autoridade que vem de fora pode ser considerada absoluta ainda que seja usada a prerrogativa divina, pois nela estaria explícita a característica da tirania. A autonomia é definida por Tillich como a lei que é do próprio indivíduo. É a lei implícita na estrutura da mente e da realidade (TILLICH, 2014, p. 97). A autonomia se encontra na personalidade do indivíduo, apesar de não contar com toda a profundidade que pode ser possibilitada ao indivíduo. A lei da racionalidade pode até ser considerada como uma qualidade positiva, já que ela vem de dentro do próprio indivíduo. Contudo, ela apresenta limitações pois não tem capacidade de direcionar o ser humano ao caminho da transcendência. Neste sentido, conceitua-se a autonomia como a lei da razão. Por último, Tillich aponta para o conceito da teonomia: uma lei que encontra seu fundamento em Deus, mas que não é imposta ao ser humano. Inclusive não significa que ela não tenha forte fundamentação na racionalidade, pois sua concepção está firmada justamente no fato de que a razão em união com o incondicional gera maior profundidade. Para Tillich, a teonomia seria a condição ideal a ser buscada pelo ser humano. A melhor forma de se entender a teonomia é compreendendo que ela está em consonância com a autonomia e unida à profundidade do incondicional ou, nas palavras de Tillich, ela “significa a razão autônoma unida à sua própria profundidade” (TILLICH, 2014, p. 98).

Por isso Tillich recusou também a interpretação da lei de Deus como caráter heterônomo, mas preferiu aproximá-la de uma interpre-

tação autônoma que unida à sua própria profundidade incondicional alcança o caráter da teonomia.

Amor sem ambiguidade

Compreendendo estas questões anteriores, vale a pena ressaltar que Tillich reafirma as ambiguidades da vida como a mistura de elementos existenciais e essenciais. A vida é levada para além de si mesma até uma transcendência que não poderia alcançar pelo seu próprio poder. Esta união implica nos processos da vida e nas funções do espírito divino que responde ao processo da autotranscendência. Esta união transcendente seria, contudo, uma qualidade da vida sem ambiguidade. A partir da fé, o indivíduo se encontra no estado de ser possuído pela unidade transcendente da vida-sem-ambiguidade, e inclui o amor como o estado de ser *integrado* nesta unidade transcendente. Esta análise pressupõe, logicamente, que amor e fé não possam existir sem o outro. A fé sem amor é uma continuação da alienação e um ato ambíguo da autotranscendência religiosa. O amor sem a fé é uma reunião ambígua daquilo que está separado, sem o critério e poder da união transcendente (TILLICH, 2014, p. 584). Amor como unidade de *eros* e *ágape* é um traço característico da fé. Quanto mais amor houver na fé, mais serão superadas as possibilidades demoníaco-idólatras, que não levam o ser humano ao amor, mas a um estado dominado por uma alienação.

A lei moral também é composta por ambiguidades de suas expressões heterônomas e autônomas. Contudo, o amor contém e transcende a lei. Ele faz voluntariamente aquilo que a lei exige. Mas é necessário retomar a questão do amor como mandamento, pois se o próprio amor for compreendido como uma lei, ou aliás, a maior lei sob o suposto imperativo do “Amarás” dado por Jesus aos discípulos, ele estaria sujeito às ambiguidades da lei. Por isso, é preciso considerar que a forma imperativa como Jesus teria dito aos apóstolos “Amarás”, trata-se de mero modo paradoxal de falar para indicar um princípio supremo da ética, que é de um lado um mandamento incondicional e, de outro, o poder que está por detrás de todos os mandamentos (TILLICH, 1992, p. 175).

Por isso, pode-se compreender o amor como incondicional em sua essência, mas condicional em sua existência. Somente o amor, por sua própria natureza, está aberto a tudo o que é particular, ao mesmo tempo

em que permanece universal em sua reivindicação. A ambiguidade da lei faz com que o centro do ser humano oscile entre listas de leis e regras gerais, jamais adequadas às situações concretas, ao mesmo tempo que o deixa alienado a um caráter heterônomo de um Deus tirano. Contudo, esta oscilação torna ambíguo qualquer juízo ético e gera a pergunta por um critério não-ambíguo para os juízos éticos. O amor, no sentido do *ágape*, é o critério não ambíguo de todo juízo ético. Para Tillich, este amor é sem ambiguidade, mas como toda criação do Espírito, permanece fragmentado no tempo e no espaço e por este motivo são apresentadas suas ambiguidades frente às realidades da vida humana. Na medida em que o amor criado pelo Espírito prevalece num ser humano, a decisão concreta é sem ambiguidade, ainda que ele jamais possa evitar o caráter fragmentário da finitude. Na ambiguidade da lei que exige a obediência, inclusive obediência à lei do amor, como um caráter heterônomo, existe a presença da ambiguidade. Mas na moralidade teônoma, o amor é também o poder motivador, e por isso o amor é sem ambiguidade, não como lei, mas como graça. Somente este amor pode dar sentido à experiência ética, já que o amor que se apresenta como graça não somente se serve da sabedoria, como também transcende a sabedoria do passado no poder de outro de seus elementos: a coragem. Para Tillich, Espírito, amor e graça constituem uma só realidade sob diferentes aspectos. O Espírito é o poder criativo, o amor é sua criação e a graça é a presença efetiva do amor no ser humano. Este próprio termo “graça” indica que ela não é um produto de um ato de boa vontade ou de esforço humano, mas que é dado gratuitamente sem nenhum mérito da parte de quem a recebe. Tillich compreende a graça como a obra da Presença Espiritual que torna possível o cumprimento da lei, mesmo que fragmentariamente. A graça possibilita a vida do Novo Ser. As muitas formas de ética sem Presença Espiritual seriam julgadas pelo fato de não poderem mostrar o poder de motivação, o princípio de escolha na situação concreta e apontaria ainda para a validade incondicional do imperativo moral. Mas o amor como princípio da teonomia se opõe à ambiguidade da lei e por isso é capaz de fazê-lo. Mas o amor não está ao alcance da vontade do ser humano, ele é uma criação da vontade de Deus, o ser-em-si que se manifesta ainda que fragmentariamente no ser finito – é graça e por isso é sem ambiguidade. (Cf. TILLICH, 2014. p. 711-714).

Considerações Finais

Ao se compreender que Tillich aponta diversas questões ontológicas que precisam ser consideradas ao se tratar da temática do amor, observa-se também que estão implícitos diversos pressupostos éticos e teológicos. Talvez pareça tarefa simples falar do conceito de amor em Tillich, já que este é o ponto central da fé e espiritualidade do cristianismo tradicional e dos textos bíblicos do Novo Testamento. Contudo, é preciso observar que Tillich aponta diversas questões que devem ser consideradas quando se fala sobre amor.

Uma destas questões é o fato de como a qualidade *eros* foi, durante muitos séculos, demonizada pela teologia e tradição cristã e excluída do espaço religioso e do âmbito da fé. Neste sentido, é interessante notar como Tillich ressalta que é a unidade de ágape e *eros* nas questões ontológicas da fé que torna capaz o indivíduo de superar a possibilidade demoníaco-idólatra que por muitas vezes o aliena à algo que não o tocou verdadeiramente e profundamente de forma incondicional. Não é possível falar sobre um tipo de amor incondicional que exclui a paixão e o desejo pelo outro, do contrário este amor seria uma simples sujeição a uma lei moral que aliena o indivíduo e o induz a levar uma vida sem preocupações profundas e relevantes para as dimensões da vida. A unidade do amor nas suas qualidades ágape e *eros*, como aponta Tillich, é que torna capaz a união do que o ama com o que é amado naquilo que os transcende: o fundamento do ser.

Além disso, é importante também ressaltar como Tillich aponta para a presença das ambiguidades da vida e como estas não são necessariamente nocivas às realidades da existência humana. É verdade que na compreensão de Tillich, o ser humano está sempre em busca pela autotranscendência e pela vida sem ambiguidade: a vida eterna. Contudo, ele acaba por perceber suas limitações e sua finitude e, se dá conta de que jamais poderá evitar este caráter fragmentário. Isto o leva à busca por algo que o apresente ao incondicional, à transcendência. Por fim, Tillich demonstra que para experimentar o amor incondicional em sua essência ou, como sugere o título do artigo, o amor sem ambiguidade, o ser humano não pode contar com sua boa vontade, seus próprios esforços ou mesmo sua boa conduta moral. Tillich aponta que este amor somente pode ser experimentado enquanto graça, e isto sig-

nifica necessariamente que quem o recebe não o recebe por mérito mas é ofertado gratuitamente e possibilita a experimentação do princípio da teonomia. Amor sem ambiguidade em Tillich é manifestação da graça.

Referências

HIGUET, E. A. *Amor divino e/ou amor humano? Amor cristão e/ou amor pagão? O resgate do erótico no pensamento de Paul Tillich e na teologia feminista.* p.135-154. In: A Forma da Religião: Leituras de Paul Tillich no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. 223p.

IRWIN, A. C. *Eros toward the world: Paul Tillich and the theology of the erotic.* Minneapolis: Augsburg Fortress Press, 1991. 204p.

MARASCHIN, Jaci. *A linguagem ontológico-existencialista de Tillich.* In: Estudos de Religião – Paul Tillich: Trinta anos depois, São Bernardo do Campo, ano X, n. 10, p. 11-36, jul. 1995.

TILLICH, P. *A Coragem de Ser.* Tradução: Egle Malheiros. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 146 p.

TILLICH, P. *Amor, Poder e Justiça: Análises ontológicas e aplicações éticas.* São Paulo: Fonte Editorial, 2004. 120p.

TILLICH, P. *A Era Protestante.* Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Ciências da Religião, 1992. 332p.

TILLICH, P. *Dinâmica da fé.* Tradução: Walter O. Schlupp. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. 87 p.

TILLICH, P. *Teologia Sistemática.* 5. ed. São Leopoldo: EST & Sinodal, 2014. 868p.